Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Performance e censura: A menstruação entre a realidade de Rita Lee e a idealização publicitária[1]

Performance and censorship: Menstruation between Rita Lee's reality and advertising idealization

Mariana Nery

Palavras-chave: Performance. Menstruação. Publicidade.

1. Proposta

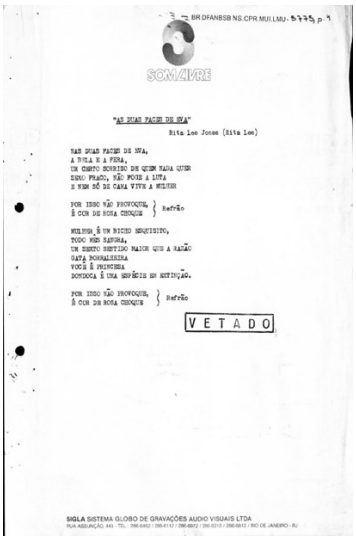
Os arquivos do período da ditadura militar brasileira (1964-1985), disponibilizados pelo Arquivo Nacional[2] em sua plataforma "Memória Revelada", catalogam um vasto acervo cultural censurado, incluindo músicas, peças de teatro e peças publicitárias. Dentre este material, destaca-se um documento de março de 1981 referente à censura da música "As Duas Faces de Eva", da cantora Rita Lee. O veto à canção foi motivado especificamente pelo trecho "Mulher é um bicho esquisito, todo mês sangra". Conforme o parecer oficial da censura, a letra "poderá também referir-se ao ciclo menstrual da mulher, o que suscitará indagações precoces em torno do assunto".

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

[2] Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/imagens-e-documentos-do-periodo-de-1964-1985/censura/letra-da-cancao-201cas-duas-faces-de-eva201d-de-rita-lee-censurada-em-marco-de-1981/view. Acesso em: 10/10/2025.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Para compreender a profundidade desta censura, é fundamental analisar a figura performática da artista. Rita Lee, figura transgressora e pioneira do rock brasileiro em carreira solo, teve dezenas de suas canções vetadas pelo regime. Sua relevância para o cenário nacional do empoderamento feminino advém de letras que frequentemente enalteciam a força da mulher e o prazer sexual feminino, desafiando as normas sociais vigentes.


BR DFANBSB NS.CPR.MUI.LMU- 3775, p. 1

SOM/LIVRE

"AS DUAS FACES DE EVA"

Rita Lee Jones (Rita Lee)

NAS DUAS FACES DE EVA,
A BELA E A FERA,
UM CERTO SORRISO DE QUEM NADA QUER
SEXO FRACO, NÃO FOI A LUTA
E NEM SÓ DE CAMA VIVE A MULHER

POR ISSO NÃO PROVOQUE, } Refrão
É COR DE ROSA CHOQUE

MULHER É UM RICHO REQUISITO,
TODO MÊS SANGRA,
UM SEXTO SENTIDO MAIOR QUE A RAZÃO
GATA BORRALHEIRA
VOCÊ É PRINCESA
DONDOCA É UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO.

POR ISSO NÃO PROVOQUE, } Refrão
É COR DE ROSA CHOQUE

VETADO

SIGLA SISTEMA GLOBO DE GRAVAÇÕES AUDIO VISUAIS LTDA
RUA ASSUNÇÃO, 443 - TEL. 286-6452 / 286-6112 / 286-6872 / 286-6212 / 286-6812 / RIO DE JANEIRO - RJ

Figura 01 – Print do site Arquivo Nacional

Após a censura, a gravadora SIGLA recorreu da decisão. Em ofício ao diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), argumentou-se que "a existência do ciclo menstrual não é mais motivo de vergonha ou medo". O recurso destacava a incongruência de vetar a música enquanto se permitia a veiculação de inúmeras peças publicitárias de absorventes internos—"nem sempre de bom gosto"—em mídias de massa. O documento questionava: "Se a ninguém ocorre proibir a propaganda de absorvente 'aderente à calcinha' ou que 'permite todos os movimentos', ou 'rigorosamente invisível', por que vedar-se a menção da causa dessa propaganda, que é o sangramento mensal?". A defesa anexou, como exemplo, três anúncios de absorventes. Não obstante, em maio de 1981, o diretor da DCDP manteve a interdição.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

2. Metodologia

A análise da canção de Rita Lee fundamenta-se nos conceitos de performance como repertório, conforme definidos por Amaral, Soares e Polivanov (2018, p. 70), entendida como "aquela que 'desaparece', está registrada na memória dos viventes, a encenação que resultou em um estar-junto momentâneo e efêmero". Adicionalmente, a análise incorpora a perspectiva dos Estudos de Performance em comunicação e música, segundo os mesmos autores Amaral, Soares e Polivanov (2018, p.71), que evocam "uma articulação de performance como memória, como política identitária de grupo ou da singularidade de sujeitos, ou diante de políticas da visibilidade (o que se registra, quem registra, com quais propósitos)".

3. Análise da música *versus* da propaganda

A argumentação da gravadora encontra respaldo na análise das peças publicitárias da época. Uma pesquisa feita pela autora deste resumo, nos arquivos do Clube de Criação de São Paulo[3] revela anúncios de absorventes internos O.B. (Johnson & Johnson) dos anos 70 e 80. Estas propagandas invariavelmente apresentavam mulheres jovens (sozinhas, com amigas ou em casais heteronormativos) desfrutando de atividades cotidianas, como andar de bicicleta, graças ao uso do produto. O discurso publicitário ancorava-se na ciência, mencionando o desenvolvimento por "médicas ginecologistas" e o uso por "50 milhões de mulheres", e incluía ilustrações técnicas sobre a inserção do produto.

[3] Disponível em: https://www.clubedecriacao.com.br/. Acesso em: 10/10/2025.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Figura 02 – Propaganda da Johnson & Jonhson feita pela DPZ

A performance textual e imagética dessas publicidades reflete o que Goffman (2002, p. 40) menciona sobre "uma noção de que uma representação apresenta uma concepção idealizada". A publicidade performava uma realidade higienizada, onde o produto ocultava a menstruação, permitindo a manutenção da "normalidade", uma forma homogênea de representação humana em público, uma única forma esterilizada de mencionar a menstruação socialmente, conforme relata Goffman (2002, p.57):

> Quando, porém, nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. Como disse Durkheim, não permitimos que nossa atividade social superior "siga a trilha de nossos estados físicos, conforme acontece com nossas sensações e nossa consciência corporal geral". " Espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo.

Em contrapartida, a canção de Rita Lee propunha uma performance radicalmente oposta. Para Paul Zumthor (2008, p.31), "a performance é para esses etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral". Ao analisar o verso "Mulher é um bicho esquisito, todo mês sangra", aplica-se a noção de Zumthor (2008, p.30) de que "a palavra não é inocente". A letra de Rita Lee revela-se como uma

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

abordagem direta e desmistificada da menstruação, tratando-a como um fato biológico ("sangra") e cotidiano ("todo mês"). Ocorre, assim, uma ruptura: enquanto a publicidade idealizava e ocultava, a música trazia o tema para o que Zumthor (2008, p.30) define como o "nível do discurso ele é vivido", ou seja, o real. A performance vocal de Rita Lee, ao enunciar a letra, contextualiza a menstruação não como tabu, mas como parte da dualidade feminina ("sexo frágil e que não foge a luta"), ressignificando o sangramento não como fragilidade, mas como parte da persistência da mulher.

A censura militar pode ser entendida, portanto, como uma reação a essa potência performática. A música, mais do que a publicidade asséptica, promovia o reconhecimento. Como aponta Zumthor (2008, p.31), "a performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade". A canção tornava a experiência menstrual "atual". Corroborando essa visão, Taylor (2013, p.207) afirma que a performance "torna visível (por um instante, 'ao vivo', 'agora') que sempre esteve lá: os fantasmas, os tropos, os roteiros que estruturam nossa vida individual e coletiva". A menstruação era um desses "roteiros" estruturantes mantidos em silêncio. Citando Hyves através de Zumthor (2008, p.32), a performance "é o comportamento relativo às normas socioculturais, sejam elas aceitas ou rejeitadas". A performance de Rita Lee rejeitava ativamente a norma do silêncio, buscando "colocar à luz" o tema e naturalizá-lo no cotidiano. Foi precisamente essa atualização do tabu em performance viva que se mostrou intolerável ao regime, em contraste com a performance comercial que o reforçava como algo a ser gerenciado e ocultado.

4. Considerações finais

Inseridos no mesmo contexto social e político da ditadura militar brasileira, os dois objetos analisados, a publicidade de absorventes e a canção de Rita Lee, performam o tema da menstruação de maneiras diametralmente opostas. A publicidade buscava neutralizar e higienizar a realidade do ciclo menstrual através da performance

de uma fachada idealizada (Goffman, 2002). Em contrapartida, a música de Rita Lee visava evidenciar, problematizar e trazer à luz essa mesma realidade, tratando-a sem tabus.

Apesar da censura imediata, a canção, após o fim do regime, alcançou o público e confirmou sua potência e tornando-se o hino do emponderamento feminino, após fazer parte do programa TV Mulher, na emissora Rede Globo. Conclui-se, portanto, que a performance de Rita Lee agiu precisamente naquilo que Goffman (2002, p. 68) aponta: "as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas a ruptura". A representação "pura" e asséptica da menstruação, sustentada pela publicidade, foi diretamente confrontada e rompida pela performance artística, que trouxe à tona a realidade problematizada e desafiou a fachada socialmente construída.

5. Referências

AMARAL, Adriana; POLIVANOV, Beatriz e SOARES, Thiago. *Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas*. Revista da Intercom – RBCC, São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr. 2018.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Imagens do documento de liberação ou censura da música 'As duas faces de eva' da cantora Rita Lee, censurada em março de 1981**. Memória Revelada, [s.d.]. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/memoria-revelada/textos-e-documentos/imagens-do-documento-de-liberacao-ou-censura-da-musica-as-duas-faces-de-eva-da-cantora-rita-lee-censurada-em-marco-de-1981/view. Acesso em: 10/10/2025.

CLUBE DE CRIAÇÃO. **Clube de Criação**. São Paulo, [c2019]. Disponível em: https://www.clubedecriacao.com.br/. Acesso em: 10/10/2025.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana.* Petrópolis: Vozes, 2002.

TAYLOR, Diana. *O Arquivo e o Repertório*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008